

**A COMPLEXIDADE DOS MUNDOS: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL NA OBRA DE MILTON HATOUM**

**THE COMPLEXITY OF THE WORLDS: THE CONSTRUCTION OF NATIONAL IDENTITY IN THE WORK OF MILTON HATOUM**

Íris Vitória Pires Lisboa \*

Juracy Assmann Saraiva\*\*

**RESUMO:** Os eventos históricos ou sociais, vivenciados pelos sujeitos, passam por diferentes representações, e essas são responsáveis pela formação de identidades individuais e coletivas. Nesse sentido, é possível afirmar que existem múltiplas e mutáveis identidades sociais, uma vez que cada sujeito se identifica com o seu tempo e espaço e com o conjunto de valores e estereótipos da sociedade em que se insere. Este estudo tem como objetivo apresentar a obra *Cinzas do Norte*, de Milton Hatoum, publicada originalmente em 2005, no que concerne aos conceitos de representação e identidade, por meio da análise de seus protagonistas, situados histórica e socialmente. Utilizam-se, neste artigo, o conceito de representação, desenvolvido por Stuart Hall, e de identidade, com base nos estudos de Kathryn Woodward. A análise da obra, em cotejo com os conceitos teóricos, permite concluir que: a) elementos da identidade cultural brasileira estão representados na construção dos personagens do romance; b) a literatura é um importante mecanismo de representatividade da consciência coletiva de um povo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Identidade. Representação. Literatura.

**ABSTRACT:** Historical or social events, experienced by the subjects, go through different representations, and these are responsible for the formation of individual and collective identities. In this sense, it is possible to affirm that there are multiple and changing social identities, since each subject identifies with its time and space and with the set of values and stereotypes of the society in which it is inserted. This study aims to present the work *Cinzas do Norte*, by Milton Hatoum, originally published in 2005, regarding the concepts of representation and identity, through the analysis of its protagonists, historically and socially. In this article, we use the concept of representation, developed by Stuart Hall, and identity, based on studies by Kathryn Woodward. The analysis of the work, in comparison with the theoretical concepts, allows to conclude that: a) elements of the Brazilian cultural identity are

---

\* Doutoranda em Processos e Manifestações Culturais (Universidade Feevale). Mestre em Linguística Aplicada (Unisinos). Docente da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano Vieira da Cunha, em Novo Hamburgo (RS). E-mail: iris@liberato.com.br.

\*\* Professora e pesquisadora na Universidade Feevale; Doutora em Teoria Literária pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1990), com Pós-Doutorado em Teoria Literária, na Universidade Estadual de Campinas (2000). Bolsista em Produtividade do CNPq.

represented in the construction of the characters of the novel; b) literature is an important mechanism for representing the collective consciousness of a people.

**KEYWORDS:** Identity. Representation. Literature.

## 1 Introdução

A literatura, considerando-se o trabalho estético que realiza com a palavra, caracteriza-se pela plurissignificação e pela representação. Seu caráter plurissignificativo permite que o texto literário se perpetue por diferentes épocas, possibilitando novas leituras, o que confirma a ideia de que o sentido de um texto é construído no próprio exercício da leitura, sendo determinado tanto pelo mundo construído pelo autor, quanto pelo universo em que se inserem os leitores, em um processo de compartilhamento de significados. O texto literário se configura, portanto, como prática representativa de uma consciência coletiva.

A obra de Milton Hatoum considerada neste estudo, *Cinzas do Norte* (2010), permite que os personagens e o enredo sejam considerados sob uma perspectiva que vai além daquela construída na narrativa, que apresenta, em primeiro plano, a história de ascensão e queda de uma tradicional família amazonense. A perspectiva implícita situa o leitor no período em que Manaus passa por um intenso processo de modernização, durante os anos cinquenta e sessenta, apontando para as relações possíveis entre esse contexto histórico-social, a construção dos personagens e a constituição de uma identidade nacional.

Milton Hatoum nasceu em Manaus, em 1952, descendente de uma família de imigrantes libaneses. Seu terceiro romance, *Cinzas do Norte*, ambienta-se em Manaus, durante um dos períodos de industrialização do Brasil, em plena ditadura civil-militar. A relação entre o universo social dos personagens e os conflitos interiores de cada um deles é marcante na narrativa e permite que se construam as representações que a obra sugere em relação a alguns aspectos da identidade nacional brasileira. A gritante diferença social entre a família de Raimundo Matoso e a história de vida de Olavo, por exemplo, instiga o leitor a identificar traços da identidade social do Brasil daquele período no contexto da atualidade.

## DIÁLOGO E INTERAÇÃO

A partir da relação de Hatoum com o cenário de sua narrativa, pode-se afirmar que o autor, na construção da trama ficcional, lançou mão das representações que ele próprio fez a respeito de seu universo, do contexto social em que se inseria e com o qual se identificava, para a construção dos conflitos de cada personagem e sua trajetória em *Cinzas do Norte*. Esse aspecto da criação literária encaminha, pois, a análise da narrativa para outra perspectiva: a literatura possibilita um novo olhar para a história de um grupo social a partir da construção de identidades e representações sobre o mundo narrado.

## **2 Literatura, representação e identidade**

O conceito de representação, adotado neste artigo, está expresso nos estudos de Stuart Hall, em sua obra *The work of representation* (1997), e está relacionado ao conceito de identidade, proposto por Kathryn Woodward (2014).

Stuart Hall (1997) aborda a ideia de representação a partir da definição de cultura como um conjunto de significados partilhados. Nesse sentido, o significado é construído pela linguagem nas práticas sociais; não tem caráter único, direto, transparente ou imutável, sendo constantemente negociado entre os sujeitos. Pela linguagem, o sujeito atribui sentido aos objetos do mundo, assumindo uma postura de pertencimento a determinado meio social.

A linguagem é capaz de fazer isso porque ela opera como um sistema representacional. Na linguagem, fazemos uso de signos e símbolos – sejam eles sonoros, escritos, imagens eletrônicas, notas musicais e até objetos – para significar ou representar para outros indivíduos nossos conceitos, ideias e sentimentos. A linguagem é um dos ‘meios’ através do qual pensamentos, ideias e sentimentos são representados numa cultura. A representação pela linguagem é, portanto, essencial aos processos pelos quais os significados são produzidos (HALL, 2016, p.18).

É significativo, neste sentido, o conceito de discurso e de sujeito igualmente proposto por Stuart Hall (1997). O discurso está presente em todas as práticas sociais, pois são elas mesmas, por sua natureza, discursivas e contextualizadas. O sujeito, por sua vez, é construído pelo discurso, situando-se nele, sendo sujeitoado pelo próprio discurso, isto é, o discurso molda o sujeito e determina o lugar que ele

### **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

deve ocupar nas diferentes práticas sociais de que participa. E o sujeito apenas assume uma identidade quando se reconhece nas posições constituídas pelo discurso.

Os estudos de Stuart Hall dialogam fortemente, no que se refere à construção do sujeito, com os estudos de Foucault. Hall cita o filósofo quando aborda a construção da identidade do sujeito na prática discursiva, contrapondo a visão de Foucault aos estudos de Ferdinand de Saussure (1996). Enquanto Saussure apresenta a língua como um sistema fixo e imutável, em que a figura do sujeito é apresentada como autor de um ato discursivo individual, Foucault lança a discussão para o campo do discurso, do sujeito e das relações de poder.

Subjects may produce particular texts, but they are operating within the limits of the episteme, the discursive formation, the regime of truth, of a particular period and culture. Indeed, this is one of Foucault's most radical prepositions: the 'subjects is produced within discourse. This subject of discourse cannot be outside discourse because it must be subjected do discourse<sup>17</sup> (HALL, 1997, p. 39).

A construção do sujeito e de sua identidade ocorre na constituição do papel que o sujeito assume em suas práticas sociais.

Para Kathryn Woodward (2014), a identidade é relacional e marcada pela diferença: ser alguém é não ser outra coisa senão esse alguém, com determinada constituição. Essa identidade tem contornos materiais, uma vez que é manifestada pelo corpo físico em si e pela escolha das roupas e objetos de consumo em geral. A autora também afirma que a identidade do sujeito tem uma especificidade histórica, pois há um resgate do passado para a construção identitária, mas, nesse processo, produzem-se novas identidades.

O que ocorre não é um simples resgate do passado para reproduzi-lo no tempo presente; mas um retorno às representações que o passado possibilita ao sujeito, a fim de que se reconstruam essas representações, em um permanente transformar-se. É possível afirmar, portanto, citando Woodward (2014), que a

---

<sup>17</sup> Os sujeitos podem produzir textos particulares, mas estão operando dentro dos limites da episteme, da formação discursiva, do regime da verdade, de um período e cultura específicos. De fato, essa é uma das preposições mais radicais de Foucault: os "sujeitos são produzidos dentro do discurso. Este sujeito do discurso não pode estar fora do discurso porque deve ser sujeito ao discurso. (tradução da autora)

identidade não é fixa ou determinada, ela é mutável, relativa e histórica e também é determinada pelas relações de poder.

Pode-se levantar questões sobre o poder da representação e sobre como e por que alguns significados são preferidos relativamente a outros. Todas as práticas de significação que produzem significados envolvem relações de poder, incluindo o poder para definir quem é incluído e quem é excluído. A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar, entre as várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade [...] (WOODWARD, 2014, p. 19).

É importante destacar a influência das mudanças sociais para os “deslocamentos de centro” determinantes na identidade construída. Por exemplo, a classe social já não determina a constituição do sujeito. A referência, aqui, não é simplesmente à questão econômica das divisões de classes, mas diferentes formas de constituição social que exercem influência nas relações sociais e constroem novas possibilidades de atuação em sociedade.

Essas mudanças indicam, da mesma forma, novas e diferentes posições assumidas pelos sujeitos em decorrência dos diferentes papéis sociais que passam a desempenhar. É possível afirmar, pois, de acordo com a autora, que um indivíduo não assume, necessariamente, uma única identidade, embora seja a mesma pessoa na família, na escola, entre amigos.

Os sujeitos estão “diferentemente posicionados” e isso determina sua conduta em relação aos demais sujeitos. É possível, inclusive, que essas diferentes identidades entrem em conflito, devido às exigências dos diferentes papéis sociais que o sujeito assume, de que são exemplo os papéis de mãe e de profissional, vividos por grande parte das mulheres.

Outro conceito importante que se relaciona ao estudo da identidade proposto por Kathryn Woodward (2014) é o de diferença. Para a autora, as diferenças participam da construção da identidade e podem assumir um caráter positivo ou negativo. Positivo se considerarmos a diferença como fonte de diversidade, a que tanto se faz alusão nos movimentos sociais atualmente; negativo se relacionada à exclusão. Nessa direção, considerar a diferença na construção identitária é legitimar,

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

mais uma vez, as relações de poder na constituição dos sujeitos, pois são elas que subjazem às escolhas do sujeito por uma ou outra identidade.

No sentido de complementar a concepção de identidade em estudo neste artigo, faz-se referência à obra de Michael Pollak, *Memória e identidade social* (1992). A memória, de acordo com o autor, relaciona-se ao sentimento de identidade. O autor aponta três elementos constituintes da identidade: a unidade física (o individual, o corpo físico; e o coletivo, o pertencimento a um grupo social); a continuidade dentro do tempo (a história do sujeito); e a coerência (unidade entre os elementos constituintes de um sujeito).

Assim, a memória atua como “um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p.5). Isso significa que nossas memórias individuais ou coletivas atravessam nossa constituição identitária e colocam muitas vezes em conflito a nossa representação e a representação do outro, visto que a identidade é constituída sempre em referência ao outro, em uma negociação direta com os critérios de aceitabilidade e credibilidade.

Nesse sentido, a identidade de determinado grupo social é construída a partir da diversidade de valores herdados ao longo do tempo, que, associada ao presente do sujeito e ao seu mundo, o constitui como representação de uma época e de um lugar, configurados pelas manifestações culturais.

A representação de costumes referentes à alimentação, ao vestuário, de ritos de iniciação social ou religiosa, de normas de regulação de comportamentos, de convicções e crenças é instituída por meio de obras literárias, que podem ser apreendidas como reveladoras da identidade de um povo (SARAIVA; MÜGGE; KASPARI, 2017, p.42).

O texto literário, pois, constitui-se um dos mecanismos pelos quais é possível entrar em contato com outros modos de estar no mundo e de pensar sobre o mundo. A narrativa ficcional recria a realidade a partir das histórias vividas pelos personagens da trama, mas essa realidade tem como base a representação sobre a experiência dos sujeitos nas práticas sociais da vida real. Para Pesavento (1999), o real é percebido, na verdade, pelo sentido que lhe é atribuído.

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

Se tudo o que se vê e se experimenta é, por sua vez, recriado enquanto sensação, revivido enquanto memória articuladora de lembrança e decodificado em seus significados, a atribuição de sentido às imagens poderá depender do ponto de vista ou do lugar de quem vê e de como sente aquilo que se apresenta (PESAVENTO, 1999, p. 17).

Assim ocorre, igualmente, com a constituição da identidade nacional, construída pelas representações que os sujeitos elaboram a partir das experiências de que participam e dos objetos culturais com que mantêm contato, dentre eles, a literatura.

### **3 Cinzas do Norte: o conflito das identidades**

O enredo do terceiro romance de Milton Hatoum se organiza em torno da relação familiar e afetiva entre Raimundo e seu pai, Jano, marcada pela diferença: Jano é um homem ambicioso, empresário respeitado na Vila Amazônica, que herda de seu pai não só os bens conquistados, mas também a ambição e a determinação de conquistar riquezas, mesmo que isso lhe custe abrir mão da família e dos afetos.

Muito envolvido no trabalho e no gerenciamento de seus bens, Trajano Mattoso é firme e às vezes cruel com as pessoas a sua volta. Deseja encontrar no filho a possibilidade de perpetuar a sua faina e seu labor, mas o que realmente recebe é a repulsa a seu estilo de vida, a seu discurso e a seus valores. Identifica-se com os valores do regime militar em vigor na época e mantém contato com militares e governantes, conseguindo para si algo semelhante ao prestígio dos antigos senhores feudais.

Para tia Ramira, ele tinha sobretudo um nome conhecido, que crescera depois da Segunda Guerra e ainda reverberava com força de autoridade. Essa mistura de riqueza material e correção moral fazia de Jano um ser perfeito. “Isso é uma raridade”, dizia ela. “A única falha desse santo homem foi cair no feitiço daquela mulher” (HATOUM, 2010, p. 28).

Casado com Alícia, não constrói com ela uma relação de afeto. Alícia, na tentativa de desligar-se de uma infância de miséria, casa-se com Jano, mas mantém um relacionamento extraconjugal com Ranulfo, antigo desafeto do marido. O choro

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

de Alcília, no dia em que se casa com Jano, demonstra como lhe dói a decisão de casar por dinheiro, abrindo mão da sua felicidade ao lado de Ranulfo. A consequência dessa escolha reverbera durante toda sua vida, até depois da viuvez, quando se afunda em dívidas de jogo e bebida para compensar as tristezas e frustrações.

Raimundo Mattoso, ou simplesmente “Mundo”, é apresentado como a força antagônica aos desígnios de Jano: rebelde, provocativo e excêntrico, o menino nunca recebe o amor ou a aprovação do pai. Mundo representa, pois, não só a figura rebelde em relação ao pai, mas a rebeldia de uma juventude que assume outros valores em meio a uma crise que encaminha para o questionamento das relações de poder em nível político e social, frente a um regime de coibição das manifestações individuais. O convívio de Mundo com Jano e com a escola, representa, pois, a construção de uma identidade juvenil oposta ao jugo dos militares do período.

Não tem amigos no bairro, nem fez amizade na escola. Sei por que ele quis sair do D. Pedro II. Tirava notas boas, mas a disciplina atrapalhava a mania dele. Queria passar o tempo todo desenhando. É um vício, uma doença... O grandalhão fez aquela brincadeira com o meu filho, não é? Em vez de reagir, de brigar, tomou banho no lago e ficou sentado que nem um leso. O diretor me contou que riram dele. Devem rir até hoje... vão rir sempre (HATOUM, 2010, p. 23-24).

Diferente do pai e da mãe, não se preocupa com o patrimônio material da família, apenas com sua vocação artística e suas ideias e projetos envolvendo desenhos. Trancado no porão de casa pelo pai para que não brinque com as crianças da Vila, assim que lhe é possível, foge de seu cativeiro e não mais se deixa prender: passa a buscar sua liberdade, tanto física quanto artística. Nessa busca, aproxima-se de Alduíno Arana, artista da Vila Amazônica, considerado um impostor por Jano.

Esse mesmo. Aliás, os três: o menino Alduíno, o artista e o Arana. Três numa só pessoa. É o maior artista deste nosso fabuloso hemisfério, mas só ele pensa assim. Pega um dinheirinho que a tua tia muquirana esconde, e eu mesmo faço uma obra de arte e te vendo por uma pechincha. Depois tu revendes a obra-prima no Manaus Harbour (HATOUM, 2010, p. 75).

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**



Embora seja o orientador de Mundo na vocação artística, Arana não mantém a mesma preocupação política de Mundo em relação à arte, vendendo o que produz por qualquer valor e preocupando-se muito mais em lucrar com suas obras do que em criá-las. A ligação entre Mundo e Arana vai sendo alterada ao longo da narrativa e, no final, a questão acerca da paternidade de Raimundo pode justificar determinadas atitudes do artista.

A história é narrada por Olavo (Lavo), cuja mãe, falecida quando ele ainda é bebê, fora amiga de Alícia, mãe de Mundo; o tio, de Olavo, Ranulfo (Tio Ran) havia sido o grande amor de Alícia e com ela mantivera a relação até sua mudança para o Rio de Janeiro, já no final da narrativa. Lavo participa, pois, da saga dessa família, mais como um observador, que não se deixa envolver, do que como um amigo propriamente dito de Mundo, já que não interfere de forma obstinada nos desmandos do amigo.

Em meio a agressões, excessos e dissabores, vão-se tecendo os fios de uma família que traz, em sua origem, a tristeza e a amargura e que tem entre seus membros sujeitos cujas identidades transcendem a da relação familiar, representando um quadro em que se identificam os valores e conflitos de um período da história do Brasil.

A diegese tem como cenário a Manaus dos anos cinquenta e sessenta, durante o início da ditadura civil-militar no Brasil. Sem a pretensão de detalhar o cenário em que se dão os episódios da narrativa, mas entendendo que há elementos importantes a serem apontados para posterior análise das personagens, destacam-se, especialmente, dois aspectos significativos em relação àquela conjuntura: a desigualdade social e a violência institucionalizada.

São bastante recorrentes as referências à situação das famílias ribeirinhas, em especial na Vila Amazônica, onde Jano concentra seus negócios. Enquanto a família de Jano esbanja riqueza e fartura – seja com a casa monumental, com os carros na garagem, seja com as compras sem propósito feitas pela esposa –, as famílias ribeirinhas vivem em condição de miséria, trocando o que pescam por outros itens necessários à subsistência, em habitações cujos arredores são

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

descritos como imundos e poluídos. Há, também, a marca da pobreza e da miséria na vida das mulheres que encontram na prostituição uma forma de subsistência.

Em relação ao segundo aspecto, embora não haja descrições pontuais referentes ao regime militar, as alusões a esse período aparecem em diálogos e comentários das personagens, que situam a narrativa na história do Brasil. Os reflexos da opressão aparecem na constituição de um quadro de violência que atinge, principalmente, a personagem Mundo e seu pai e Mundo e seus colegas na escola.

“Capitão Aquiles Zanda”, murmurei. Na faculdade discutíamos atrocidades do governo em outros lugares, mas ninguém tinha falado sobre esse grupo de guerrilha em Manaus. [...] Zanda é um homem da linha dura. Comandou todas as instituições militares de Manaus e até hoje controla tudo. Quer ser prefeito, governador, o diabo. Ele se considera um deus fardado (HATOUM, 2010, P. 95).

A figura de qualquer autoridade é, para Mundo, uma representação do próprio pai. O menino chega a ingressar no colégio militar para que possa atingir mais diretamente seu pai por meio de sua desobediência às regras.

Deslocado na sociedade e de si mesmo, Mundo se afasta de Manaus e de sua pátria. Depois de um tempo na Europa, em que tenta viver de suas criações artísticas, volta ao Rio de Janeiro, onde vive sua mãe, e morre em uma clínica, magro, doente e sozinho.

#### **4 *Mundo mundo vasto Mundo*<sup>18</sup>: o que diz a construção da identidade de uma densa personagem sobre a identidade de uma nação**

Embora a hipótese de se chamar Raimundo (*Se eu me chamasse Raimundo* [...]), apresentada pelo poeta Carlos Drummond de Andrade, no *Poema de Sete Faces* (2010), não seja necessária à personagem de Hatoum, uma vez que é esse mesmo o primeiro nome de Mundo, há algo em comum entre essa figura do romance e o eu poético de Drummond: Mundo e Raimundo são, apenas, rimas, jamais uma solução. A personagem de Hatoum é de uma complexidade imensa,

---

<sup>18</sup> Verso de *Poema de sete faces*, de Carlos Drummond de Andrade (2010).

com características que extrapolam a sua construção como sujeito e prestam-se para a reflexão sobre uma época e uma identidade nacional.

Raimundo Mattoso nasce sem a presença do pai ao lado da mãe. Mesmo Alícia insistindo para que o marido estivesse presente no nascimento do filho, Jano viaja para acompanhar o próprio pai antes de uma viagem que o homem faria para Portugal. Fica com o pai mais tempo do que planejara, e encontra seu filho recém-nascido alguns dias depois do nascimento. Essa ausência na ocasião do nascimento de Raimundo se prolonga durante sua infância. Ainda bebê, Raimundo era chamado de “herdeiro” por Jano, evidenciando o que este havia planejado para o filho: assumir as riquezas da família, construída pelas mãos de seu avô e seu pai. A relação de afeto não existia.

A origem de Mundo permite que se estabeleçam relações entre seu nascimento e o surgimento do Brasil como pátria ou nação. Os portugueses viam as terras brasileiras como um rentável negócio para a Coroa. O projeto de construção do país no continente americano não contemplava o crescimento do povo, muito menos a preservação de suas riquezas naturais. Assim como o personagem de Hatoum, o surgimento da nação esteve vinculado às necessidades e desejos do colonizador, e o interesse estrangeiro tem uma importância muito maior do que o efetivo progresso de quem a habita. Essa identidade de terra colonizada perdura até os dias atuais, quando se percebe que as motivações do mercado estrangeiro ditam os rumos políticos que organizam a sociedade.

Stuart Hall (2014), ao tratar das identidades, afirma que elas “parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma certa correspondência” (p. 108-9). O resgate do passado de uma nação, pois, serviria para explicar aquilo no qual os sujeitos se tornam. Considerando a situação descrita na obra, a retomada de um passado de colonização explica as relações de poder existentes nas décadas de 1950 e de 1960 e a tendência de supervalorizar o estrangeiro em detrimento da cultura local por exemplo.

As relações de afeto também são significativas para a construção de sentidos ao longo deste romance no que diz respeito à representação de um período histórico. Mundo não cria laços afetivos com o pai. Sua rebeldia é fortemente

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

marcada pelos constantes debates, muitas vezes em tom agressivo, com Jano, discussões em que contesta as atitudes do patriarca, respaldadas pelo poder financeiro e a forte influência política na região.

“Ninguém te pôs nos eixos. Uma pessoa não pode ser totalmente livre, ninguém pode. O coronel Zanda vai dar um jeito.”

Tentei levar Mundo para a escada, ele resistiu e encarou o pai: “Zanda? Grande vigarista. Esses teus amigos...”

“Como podes dizer isso? Sou um dos amigos de teu pai...”

A voz de Albino Palha se calou com um estalo de um golpe: o cinturão do pai atingira o pescoço de Mundo; a outra lambada açoitou seus ombros, e eu corri para segurar a mão de Jano. Alícia gritou por Naiá e Macau; um rosnado feroz me assustou, e logo ouvi ganidos: vi meu amigo chutar o cachorro e depois ser imobilizado e arrastado da sala pelo chofer. A empregada e Alícia cercaram Jano, que, olhos fixos na parede, movia apenas a mandíbula, o corpo parecia anestesiado (HATOUM, 2010, p. 89-90).

Talvez essa cena seja a mais representativa da violência entre pai e filho e represente a relação dos jovens perante a repressão do período militar. Hall (2014) reflete sobre a importância de se considerar o contexto histórico para a construção da identidade, o que se evidencia no sentido atribuído à violência praticada pelas autoridades em relação a Mundo.

É precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. Além disso, elas emergem no interior do jogo de modalidades específicas de poder e são, assim, mais produto da marcação da diferença e da exclusão do que o signo de uma unidade idêntica, naturalmente construída, de uma “identidade” em seu significado tradicional – isto é, uma mesmidade que tudo inclui, uma identidade sem costuras, inteiriça, sem diferenciação interna (HALL, 2014, p. 109-110).

A violência, como forma de coagir a resistência juvenil à censura e à restrição de direitos do cidadão, foi um instrumento dos governos militares. Na narrativa, a violência aparece como elemento que diferencia Mundo e Jano, no sentido de afastar os dois, de deslocar a relação familiar para o conflito individual. A figura do pai de Mundo, em sua atitude descontrolada após a crítica ao caráter de seus amigos, representa uma postura recorrente na época. A violência imposta ao

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

cidadão como forma de controle, em especial na postura rebelde da juventude que se colocava, muitas vezes, à frente de movimentos de resistência ao regime militar, é representativa de um período da história do Brasil e é, nesta narrativa de Hatoum, um traço identitário de um país jovem, com ideais de liberdade sufocados pelas tropas de exército nas ruas.

Sob essa perspectiva, os personagens Mundo e Jano “não se resumem a caracteres impressos sobre páginas; antes, são retratos pós-shakespeareanos da realidade de homens e mulheres: verdadeiros, prováveis, viáveis” (BLOOM, 2001, p. 138-139). A literatura, portanto, atua como um dispositivo de memórias reconhecidas por determinado grupo social, responsáveis pela representação de uma determinada sociedade.

A violência também pode ser observada nas dependências escolares da época, em especial nas instituições de natureza militar. Mundo é expulso de duas escolas antes de entrar para o Colégio Militar, no qual ingressa a fim de justamente afrontar o pai com a sua insubordinação às ordens das autoridades: “Meu pai detesta o riso. Agora ele vai ver o filho dele, a putinha, desfilar de farda” (HATOUM, 2010, p. 92).

A instituição escolar, de maneira geral, reproduz as ideologias dos governos. Nos tempos da Ditadura, os movimentos estudantis foram emblemáticos na luta contra o conservadorismo e a repressão. Uma obra literária que se propõe resgatar parte do que foi um dos períodos mais obscuros da história, não pode desconsiderar a forte resistência dos estudantes, pois eles lutavam pelos direitos humanos, colocando-se como protagonistas na luta contra o autoritarismo e a repressão do regime. A ousadia da classe estudantil revelou à sociedade da época uma possibilidade de se combater os desmandos de uma ditadura e apontou para a construção de uma vida justa e igualitária no tocante aos direitos do cidadão.

Nesse sentido, a atitude da personagem Mundo, ao entrar no Colégio Militar, não indica uma concordância com a vontade do pai nem uma submissão aos valores da época. Ao contrário disso, sua postura demonstra revolta e desejo de vingança. Representa, pois, uma parcela da sociedade que não se submeteu às formas de governo impostas à população e que até hoje recebe o cunho de geração indomável

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

e subversiva. A identidade do jovem é caracterizada como vanguardista e rebelde: “Tu podes dar ordens para o teu cachorro e para teus empregados. Eu não recebo ordens” (HATOUM, 2010, p.89).

A arte é outro elemento que passa por um processo de representação na narrativa de Hatoum. A atividade artística é a principal ocupação de Mundo. A escolha por essa atividade não é neutra: a subversão artística de Mundo fortalece a construção da personagem como aquele que se opõe não só ao pai, mas também ao momento histórico expresso na narrativa. Cria-se, dessa forma, uma identidade nacional cultivada pela rebeldia de uma geração e que teve sua influência na construção de uma nova concepção da cultura brasileira.

Na obra de Hatoum, a arte do jovem Mundo é fortemente criticada pelo pai: “Uma grande vocação artística não depende apenas de uma escolha. Além disso, Mundo pensa que a revolta é uma façanha” (HATOUM, 2010, p. 65). Suas tendências artísticas coadunam-se com seu espírito insurgente, atingindo os valores e a postura do pai. A obra de Mundo representa muito mais que a sua revolta contra o progenitor: materializa a contestação contra o regime do período e o poder da arte como resistência.

Na tarde em que a obra de Mundo foi inaugurada, o coronel Zanda logo informou Jano. No Novo Eldorado, ele viu um horizonte de cruces chamuscadas e quis saber que diabos era aquilo: por que tinham construído as casas num cemitério? onde estava o trabalho do filho? Rindo, o prefeito disse: “Na tua cara, Trajano. Teu filho é atrevido: fez do bairro um cemitério. Bela obra. Mas vamos destruir toda essa porcaria em pouco tempo (HATOUM, 2010, p. 138).

O Novo Eldorado, espaço planejado pela prefeitura para receber a população ribeirinha que maculava a imagem da cidade progressista, é o cenário escolhido por Mundo para expor sua obra e chocar não só ao pai, mas a toda a sociedade. O “Campo de cruces” é um prenúncio do fim de um sonho, de uma mudança que não se concretiza, de algo que um dia foi arquitetado e cujo fim foram as cinzas. Representa, de certa forma, a derrota para os dois lados da “batalha”: derrota para Trajano, que se defronta com a delinquência absurda do filho; derrota para Mundo, que vê o início da sua obra enquanto artista tornar-se ruína. “Cinzas” é uma palavra

## **DIÁLOGO E INTERAÇÃO**

forte no romance, aparecendo no título desta obra, e fazendo referência ao fim de uma luta contra um inimigo de muitas faces: o pai, seus valores, a sociedade, a repressão.

Tem-se no romance de Milton Hatoum, portanto, elementos que indicam uma possibilidade de análise sobre a identidade nacional na figura do jovem idealista da época da Ditadura civil-militar no Brasil. O autor, ao apresentar a sua cosmovisão na narrativa, não “apresenta” a Manaus dos anos 50 e 60: ele permite ao leitor conhecê-la, isto é, representa um contexto ao leitor de forma pluridiscursiva, uma vez que há um diálogo entre a obra e as “coordenadas histórico-sociais que a regem” (REIS, 2003, p. 87).

Embora seja representativo da identidade juvenil da época, o trabalho estético do romance não permite que se faça uma leitura documental a respeito da Ditadura. Em *Cinzas do Norte*, Hatoum identifica-se com o contexto que faz emergir ao longo de suas páginas, convidando o leitor a percorrer lugares em que ele próprio viveu sua adolescência. Isso lhe possibilita visível desenvoltura para lidar com os aspectos históricos que subjazem ao enredo.

Atingimos um ponto em que se torna possível falar da obra literária como **macro-signo** – constituído pela articulação de micro-sentidos, não raro traduzindo tensões e conflitos internos – e da literatura como importante campo de configuração do **imaginário cultural**, envolvendo nessa configuração uma certa vocação transhistórica (REIS, 2003, p. 90).

Para além dos aspectos históricos, há, na narrativa em questão, a exposição do imaginário cultural ao qual o teórico faz referência, que é concebido na construção da identidade da personagem. Raimundo Mattoso, na visão do narrador Olavo e nos relatos das cartas de Ranulfo, representa uma geração importante para o processo de modernização não só de Manaus, mas do Brasil. Assim como acontece com toda obra literária que, mantendo relação com a sociedade e a história em que se insere, desvenda valores e identidades várias, esta narrativa corporifica uma juventude que lutou por seus ideais, com desvantagem no que diz respeito à sua munição: a sua frente estava um regime ditatorial, repressor e violento; em suas mãos, a arte, o desespero, mas também a esperança.

## DIÁLOGO E INTERAÇÃO

## 5 Considerações finais

O conceito de identidade associa-se ao de representação, visto que, por meio deste, se constroem as significações que vêm a constituir a identidade do sujeito e, a partir disso, a identidade de uma nação. A narrativa de Hatoum viabiliza a análise desses conceitos no texto literário, tomado como objeto cultural que reconstrói a realidade a partir das representações do autor e das representações feitas pelo leitor, ao entrar em contato com as palavras.

Tanto o período do regime militar na história do Brasil quanto as relações de poder entre Raimundo e seu pai são situações impregnadas de diferentes significados, que despertam variadas reações dos interlocutores. A partir do cenário construído por Milton Hatoum, do contexto social e das relações humanas presentes no enredo, é possível afirmar que há a construção de uma identidade nacional na narrativa se forem consideradas as representações, ou seja, a construção do sentido sobre os eventos descritos, relacionando-os não só a um período longínquo da história brasileira, mas, infelizmente, a muitos episódios atuais do nosso contexto histórico.

Segundo Woodward (2014), “É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos” (p. 18). A literatura permite que se façam essas representações e que, como nação, seja possível se reconhecer, reconhecer as diferenças em relação a outras nações e traçar novos rumos para que cada vez mais o sujeito possa se sentir pertencente a sua terra e a sua cultura.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Alguma poesia**. Rio de Janeiro: Record, 2010.

BLOOM, Harold. **Como e por que ler**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

HALL, Stuart. The work of representation. In: \_\_\_\_\_. **Representation**. Cultural representation and cultural signifying practices. London/Thousand Oaks/New Delhi: Sage/Open University, 1997.



\_\_\_\_\_. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Rio de Janeiro: Vozes, 2014.

\_\_\_\_\_. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2016.

HATOUM, Milton. **Cinzas do Norte**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e o sonho. In: \_\_\_\_\_. **Imaginário da cidade**: visões literárias do urbano. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**: Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

REIS, Carlos. Literatura como instituição. In: \_\_\_\_\_. **O conhecimento da narrativa**: introdução aos estudos narrativos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p. 19-102.

SARAIVA, Juracy Assmann; MÜGGE, Ernani; KASPARI, Tatiane (orgs.). **Texto literário**: resposta ao desafio da formação de leitores. São Leopoldo: Oikos, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 1996.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 7-72.

Recebido em: 21/12/2018.

Aprovado em: 20/02/2019.